

PAOLO BENANTI

O FRACASSO DE BABEL

O que fazer depois do fim do sonho da Internet?



Introdução

Numa das mais célebres metáforas da história da filosofia, para expressar como a filosofia nos ajuda a compreender a realidade, Hegel falou da «coruja de Minerva»¹, uma ave consagrada à deusa da sabedoria, Minerva (também conhecida como Atena). Hegel usa essa imagem para indicar que a filosofia, tal como a coruja que levanta voo apenas ao crepúsculo, só pode compreender e explicar a realidade *a posteriori*, quando uma época histórica terminou e concluiu o seu processo de desenvolvimento.

Por um lado, este livro é um voo de coruja, porque aparece depois de os fenómenos da digitalização e da difusão das plataformas sociais digitais, as chamadas redes sociais, se terem consolidado na sociedade: é um voo noturno depois das duas primeiras décadas deste século.

Hoje, contudo, para compreendermos a realidade, talvez seja necessário alterar o animal-símbolo e adotar a doninha. No Museu de História Natural de Roterdão, encontra-se uma estranha doninha empalhada: o pelo queimado e as patas carbonizadas testemunham a sua resistência numa batalha que se saldou pela sua derrota. O pequeno animal morreu numa colisão com a máquina mais potente do mundo. O seu destino foi selado quando escalou a vedação de uma subestação do Grande Colisor de Hadrões (LHC) do CERN, em Genebra, e foi instantaneamente eletrocutado por um transformador de 18 000 volts. O acidente ocorreu em novembro de 2016 e não mereceria especial reflexão, não fosse o que aconteceria imediatamente depois, como também se pode reconstruir a partir de um sugestivo ensaio de Mattia Salvia².

Pouco depois, de facto, começou a circular furiosamente *online* a tese de que as experiências levadas a cabo no CERN teriam conduzido o mundo para uma realidade alternativa, na qual Donald Trump se tornaria presidente, o Reino Unido abandonaria a União Europeia, toda uma série de eventos, antes considerados impossíveis, que estavam de facto a acontecer. O mais impressionante foi o volume e a pressão desse rumor terem praticamente forçado o porta-voz do CERN a emitir uma declaração oficial, em que se rotulava a tese em causa como impossível e resultado de *fake news* provocadas por uma teoria da conspiração global.

Tudo isso talvez possa ser interpretado como expressão daquilo a que os sociólogos chamam «efeito Mandela», fenómeno que ocorre quando grandes grupos de pessoas acreditam que algo aconteceu ainda que as evidências demonstrem o contrário. O nome advém do facto de muitos terem acreditado que Mandela morrera na prisão, quando se sabia não ser o caso.

Voltando ao caso anterior, muitos são os que acreditam que, a partir da fundação do CERN, começaram a ocorrer inúmeros acidentes, de resultados nem sempre compreensíveis, sugerindo que aquelas experiências de física de partículas estão a provocar a deslocação do mundo para universos paralelos. Para lá do facto específico, o que nos impressiona é a eficácia com que a doninha do CERN diz algo sobre o significado da história nos nossos dias e como os nossos contemporâneos apreendem o mundo.

A partir do momento em que surgiram as redes digitais e as redes sociais, o efeito Mandela parece ter-se tornado cada vez mais normal e relevante, facto que nos convida a repensar as consequências da condição digital de um ponto de vista mais filosófico: o de Minerva, se quisermos.

Colocadas as coisas nestes termos, que atitude devemos tomar em relação àqueles que acreditam na pluralidade de mundos gerados na infosfera ou em hipóteses radicais do mesmo calibre? Simplificando ao máximo, devemos considerar dois opostos.

Por um lado, há aqueles que propõem levar em consideração o que à primeira vista parecem rumores descontrolados, se não mesmo fraudes. Segundo os defensores dessas teses, a condição digital mudou a ontologia, isto é, a maneira como concebemos a disposição do mundo; devemos, portanto, ter muito cuidado antes de falar do efeito Mandela, pois a realidade já não é aquela rocha sólida, mas apresenta-se com um aspeto gasoso, de maneira que existem diferentes mundos possíveis e coexistentes.

Por outro lado, há aqueles – intelectualmente mais conservadores – que advogam responsabilidade e seriedade. Há apenas uma verdade nos factos – dizem –, até porque, se não fosse assim, depressa chegaríamos à impossibilidade de levar a sério qualquer discurso racional e qualquer forma de conhecimento científico.

Estamos convencidos de que muitas pessoas, culturalmente curiosas e sensatas, escolheriam um meio-termo entre ambas as posições, porque o clima pós-moderno e o pensamento pós-humano já persuadiram vários membros da esfera pública da morte do sujeito e do colapso do ser humano.

O texto que se segue tenta reconstruir como e por que razão precisamos de olhar para os primeiros vinte anos do nosso século para entendermos porque é que o símbolo da contemporaneidade é a doninha do CERN e não a coruja de Minerva.

O texto está dividido em duas partes. A primeira reconstrói os primeiros dez anos do século, período em que, como teremos a oportunidade de explicar, construindo uma metáfora que nos acompanhará ao longo do texto, começámos, enquanto humanidade, a construir uma nova Babel digital.

A segunda parte tenta delinear como, na segunda década do século, a torre colapsou e o projeto fracassou, e quais os desafios que tudo isso deixa em aberto hoje.

Ambas as partes são precedidas por um capítulo sobre a sabedoria, que pretende de algum modo justificar e introduzir a metáfora retirada das narrativas do Génesis, que parece adaptar-se perfeita-

mente ao nosso percurso e conferir maior profundidade às nossas reflexões.

Ao convidar o leitor a mergulhar nas páginas seguintes, não podemos deixar de nos perguntar o que nos poderá acontecer, pois, se Fukuyama nos convenceu do fim da história graças à coruja de Minerva, hoje é a doninha do CERN que se arrisca a convencer-nos a acreditar em contos de fadas.

Índice

Introdução.....	5
1. Babel: uma abordagem sapiencial	9
<i>O homem e a sua história</i>	9
<i>Sabedoria</i>	21
<i>Sabedoria e mundo digital</i>	27
<i>A Torre de Babel</i>	29

Parte I O SONHO DE BABEL

2. De uma ideia a empresas planetárias.....	41
<i>Do computador até à Web</i>	41
<i>Chegam as redes sociais</i>	60
<i>Redes sociais: uma definição</i>	64
3. Os grandes: Facebook, Twitter, LinkedIn e Youtube.....	67
<i>O Facebook</i>	67
<i>O Twitter</i>	73
<i>O LinkedIn</i>	78
<i>O YouTube</i>	79
<i>O Pinterest</i>	81
<i>O Twitch</i>	82
<i>Os fracassos</i>	83
4. <i>A social transformation</i>	85
<i>Na montra, e criativos</i>	85
<i>A socialnomics</i>	87
<i>Privacy</i>	91

<i>Apenas like?</i>	93
<i>O smartphone</i>	98
<i>A Internet das coisas</i>	103
<i>As apps</i>	104
<i>Um mundo diferente, a todos os níveis</i>	108
5. A Primavera Árabe e o sonho de Babel.....	111
<i>Um mundo em evolução... de acordo com um único modelo?</i>	111
<i>No interior das Primaveras Árabes: o triunfo de Babel?</i>	115

Parte II O FRACASSO DE BABEL

6. Falhas estruturais	123
<i>Uma nova consciência</i>	123
<i>Secção 230 e responsabilidades sociais</i>	127
<i>O like!</i>	129
<i>A Googlenomics</i>	134
<i>Transformar a realidade</i>	137
<i>Voltando ao Facebook</i>	138
<i>Instagram, WhatsApp e Twitter na segunda década</i>	144
<i>Dark social media</i>	147
7. O «credo» de Silicon Valley.....	151
<i>A ciência e as diversas visões do mundo</i>	151
<i>Visões por trás do progresso informático</i>	153
<i>A ideologia das redes sociais</i>	159
<i>O pós-humanismo</i>	161
<i>TESCREAL</i>	166
<i>Altruísmo eficaz e utilitarismo</i>	168
8. Psicopolítica	175
<i>O caseiro digital</i>	175
<i>Social e político</i>	178
<i>O poder dos social media</i>	181
<i>O escândalo Cambridge Analytica</i>	183
<i>O storytelling político</i>	187

<i>Pós-verdade?</i>	189
<i>Dark media e falsos likes</i>	191
<i>Listas negras e listas vermelhas: o caso da China</i>	196
<i>Grandes empresas digitais e a geopolítica do sharp power</i>	198
9. Poder digital.....	200
<i>Cibernética</i>	200
<i>Dependentes de notificações</i>	205
<i>A narrativa da utopia contínua: Bogdanov e A estrela vermelha</i>	208
<i>De Bogdanov à inteligência artificial</i>	213
<i>Persuasão e manipulação</i>	214
<i>O que fazer? A proteção dos direitos cognitivos dos utilizadores e o combate contra a polarização</i>	217
Conclusões – Democracias computacionais? Os anos trinta...	223
<i>Os desafios que nos esperam</i>	226
Notas.....	233